

25/03/2014 às 05h00

Case com alguém mais pobre que você

Por Morten Olsen e Ria Ivandic

Nos dias de hoje, todos comentam sobre a desigualdade e todos parecem ter escolhido seus culpados favoritos, desde a globalização e a desregulamentação até a chamada "captura política" e as mudanças técnicas acompanhadas de maior capacitação. Um recente estudo de Jeremy Greenwood, Nezih Guner, Georgi Kocharkov e Cezar Santos, "Marry Your Like: Assortive Mating and Income Inequality" (case-se com seu similar: acasalamento seletivo e desigualdade de renda, em inglês, National Bureau of Economic Research, 2014) aponta um fator muito mais próximo de seu lar: a pessoa com quem você se casa.

O argumento é simples: retroceda aos anos 50, quando poucas mulheres trabalhavam. Como consequência, a desigualdade de renda familiar era em grande parte determinada pela renda do homem na casa. O pequeno número de mulheres trabalhando, na verdade, contribuía para reduzir a desigualdade de renda familiar, já que normalmente as mulheres de maridos mais pobres trabalhavam.

Os filhos de pais em melhor situação financeira têm muito mais chances de se saírem bem no SAT, entrar em faculdades e ter melhor padrão de vida e perpetuar a desigualdade de renda. De fato, a mobilidade de renda intergeracional vem declinando nos EUA

Agora, avance para os dias atuais, quando a maioria das mulheres no mundo desenvolvido juntou-se à força de trabalho e contribui de forma significativa para a renda familiar. Levando em conta que todo o resto se manteve, isso deveria reduzir a desigualdade da renda familiar, já que a renda das mulheres serviria para aliviar a disparidade de renda dos homens: se você é um homem pobre, há um conjunto maior de mulheres mais ricas do que você com as quais você pode se casar.

O problema desse raciocínio, claro, é que as pessoas não se casam apenas aleatoriamente. Elas tendem a se casar com pessoas do mesmo perfil, tanto em termos de renda como de formação educacional. Esse resultado é bastante intuitivo. Casualidades românticas à parte, uma pessoa tem mais chances de estar, principalmente, exposta a ou relacionar-se com outra pessoa de formação educacional e social similar. Isso se soma a uma força de trabalho feminina com formação cada vez melhor. Há 40 anos, poucas mulheres nos Estados Unidos tinham diploma universitário, enquanto agora elas passaram os homens, como se vê na figura 1. Embora as mulheres, em média, ainda não ganhem o mesmo que os homens, cada vez mais mulheres recebem altos salários e a disparidade entre a renda das mulheres aumentou.

O fato de pessoas bem remuneradas terem tendência a se casar com outras bem remuneradas acaba se revelando um fator significativo para a desigualdade de renda familiar. Greenwood et al (2014), a partir de dados de centenas de milhares de famílias do Censo dos Estados Unidos entre

Mensagens dos leitores

O nó da Previdência

O verdadeiro campo minado das reformas para tornar administráveis as contas públicas está na Previdência. Na pág. A2 da edição de 14/10 do **Valor**, Claudia Safatle, com a maestria de sempre, elabora artigo onde expõe a dramática situação com dados trazidos pelo economista Raul Veloso na esfera dos Estados e aqueles fornecidos...

21/10/2016 às 05h00 - Salvador Sicoli -

PEC 241

Estudos do Ipea mostram que a PEC 241, que cria um teto para os gastos do governo, irá reduzir os recursos da área social em 50%. Com os anos, chegará a ínfimos 0,7% do PIB. O Brasil já tem uma imensa dívida social e o valor gasto em saúde e educação per capita muito abaixo do dos países desenvolvidos. Estão criando uma bomba relógio, com nefastas...

21/10/2016 às 05h00 - Renato Khair -

0,25% que vale bilhões

A redução em 0,25% da taxa Selic é um sinal que algo de bom está em curso para reduzir o déficit público, domar a nossa inflação que já caiu de 10,67% em dezembro de 2015, para algo como 8,40% até setembro de 2016, e que pode até fechar o ano abaixo de 7%. E o BC, já sinalizou que nas próximas reuniões pode reduzir ainda mais a taxa básica...

21/10/2016 às 05h00 - Paulo Panossian -

Ver todas | Envie sua mensagem



1960 e 2005, detectaram que uma tendência crescente de escolha de parceiros com formação profissional e educacional similares vem exacerbando as tendências de renda. Em uma análise de regressão, eles concluíram que o impacto adicional dos anos de educação de um marido sobre os de sua mulher, em relação ao ano-base (1960), está

aumentando, implicando que o grau de acasalamento seletivo aumentou.

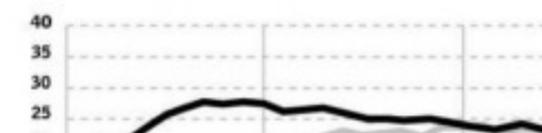
Economistas se valem, com frequência, do coeficiente Gini como indicador da desigualdade de renda, onde o 0 indica total igualdade e 1, completa iniquidade, em que uma pessoa ganha toda a renda da sociedade. Com o indicador, podemos comparar a desigualdade de hoje com a dos anos 60 e, o que é importante, computar qual seria a desigualdade de renda em um mundo em que os casamentos fossem aleatórios. Curiosamente, o coeficiente Gini nos EUA, que aumentou de 0,34 a 0,43 entre 1960 e 2005, teria continuado em 0,34 se os casamentos fossem aleatórios.

O acasalamento seletivo positivo não se relaciona apenas à distribuição de renda. Incontáveis estudos mostraram que a situação socioeconômica dos pais influencia o nível de instrução dos filhos, tanto porque há uma maior ênfase em casa sobre a importância da educação quanto porque se conta com mais meios para contar com escolas e tutores privados. Isso vale para todos os países, mas vale ainda mais para os EUA e a França do que para Israel, Finlândia ou Coreia do Sul. Em média, a faixa de pessoas entre 20 e 34 anos de famílias com alto grau de ensino tem probabilidade quase duas vezes maior de estar no ensino superior.

Mobilidade de renda vem

Se você tem renda abaixo da média, mire

■ **Porcentagem de homens e mulheres com**
Pessoas com idades entre 25 e 34 com diplo



Da mesma forma, a figura 2 mostra uma forte relação positiva entre a renda familiar e as notas dos estudantes no Teste de Aptidão Escolar (SAT, na sigla em inglês) que as faculdades dos EUA usam para avaliar estudantes. Os filhos de pais em melhor situação financeira têm muito mais chances de se saírem bem no SAT, entrar em faculdades e,

portanto, ter melhor padrão de vida e perpetuar a desigualdade de renda. De fato, a mobilidade de renda intergeracional vem declinando nos EUA e agora é menor do que na maior parte da Europa Setentrional.

Essas análises demonstram as causas multifacetadas do aumento da desigualdade de renda e mostra que elas vão muito além das fronteiras da economia. Embora as implicações sobre políticas governamentais ainda não estejam claras, as conclusões para o resto de nós são óbvias: se você tiver uma renda abaixo da média, mire bem alto; se você já estiver ganhando milhões, pense duas vezes sobre seu motorista ou cozinheira. Você poderia fazer um grande favor à sociedade se casando com eles.

Morten Olsen é professor de ciências econômicas na IESE Business School

Ria Ivandic é pesquisadora assistente na IESE Business School.

Opinião

Últimas Lidas Comentadas Compartilhadas

Ver todas as notícias

Vídeos



Possibilidade de recuperação parece ser lenta e modesta
05/09/2016



Compartilhar 63

Tweet

Share 8

G+1 2

Assine o Valor

Ω

quiser ter acesso a todas as notícias, conheça nossos planos e [assine o Valor](#)

 **Morten Olsen**, você leu **5 de 5** notícias exclusivas disponíveis. Se quiser ter acesso a todas as notícias, conheça nossos planos e [assine o Valor](#)